

Água viva: uma escritura como exercício de pintura em Clarice Lispector¹

Marcos Antônio Bessa-Oliveira²
Edgar Cézar Nolasco³

RESUMO: Em nosso trabalho, procuramos analisar comparativamente as produções pictóricas e literárias da escritora Clarice Lispector, tendo em pano de fundo toda a realidade conturbada brasileira da década de 1970, principalmente no atinente às questões culturais. Nosso estudo centrou-se, principalmente, na produção intelectual da escritora concernente à década de 70, a exemplo dos livros *Água viva* (1973), *A via crucis do corpo* (1974), *Onde estiveste de noite* (1974) e *A hora da estrela* (1977), e dos 18 quadros pintados pela escritora entre os anos de 1975 a 1976. Tal estudo teve como embasamento teórico o que postulam os Estudos Culturais e os Estudos Comparados latino-americanos contemporâneo. A partir do que propõem tais teorias, foi possível concluir que a escritora valera-se das relações de amizade com outros escritores e artistas plásticos renomados, da sua posição social como esposa de diplomata, e ainda de sua carreira como jornalista, para complementar sua produção intelectual da época tornando-a multifacetada. Concluiu-se também que a obra *Água viva*, além de poder ser lida como uma teoria da própria pintura clariciana, também pode ser lida, mesmo que metaforicamente, como um diário pessoal da escritora, graças ao que postulam os Estudos Culturais no que se refere às novas possibilidades de se escrever uma *biografia*.

ABSTRACT: The objective of our work is to analyze comparatively the pictorial and literary productions of Clarice Lispector writer, in the background throughout the troubled Brazilian reality of the 1970s, especially regarding cultural issues. Our study focused, mainly, in the intellectual output of the writer concerning the 70's, like the books *Água viva* (1973), *A via crucis do corpo* (1974), *Onde estiveste de noite* (1974) e *A hora da estrela* (1977), and 18 paintings painted by the author between 1975 and 1976. This study had the theoretical postulate such as Cultural Studies and Comparative Studies Latin American contemporary. From offering such theories, it was possible to conclude that the writer will use her friendship relations with renowned writers and visual artists, her social position as diplomat's wife and her journalist career and to complement, her intellectual production in that time making her multifaceted. We also concluded that the book *Água viva*, besides we can read it like a painting clariciana theory, also we can read, even metaphorically, like a writer's diary, thanks to the Cultural Studies that postulate it in relation to the new possibilities of writing a biography.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; pintura; cultura

KEY WORDS: Clarice Lispector; art, culture

Definir o sujeito da experiência como sujeito passional não significa pensá-lo como incapaz de conhecimento, de compromisso ou ação. A experiência funda também uma ordem epistemológica e uma ordem ética. O sujeito passional tem também sua própria força, e essa força se expressa

¹ Este trabalho é parte de uma pesquisa que o autor desenvolveu como Bolsista da Iniciação Científica PIBIC/CNPq – 2008/2009 – intitulada ENTRE A PINTURA E A LITERATURA: negociatas claricianas.

² Graduando do 4º ano do curso de Artes Visuais – Licenciatura – habilitação em Artes Plásticas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campo Grande, MS – Brasil. Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq – agosto de 2006 a dezembro de 2009. Em todos os Projetos de Iniciação Científica o autor desenvolveu pesquisa sobre as obras pictóricas e *Água viva*: ficção de Clarice Lispector. Membro do NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados – UFMS. Coordenador do NECC-ENTREVISTAS: intelectuais em foco – UFMS. marcosbessa2001@uol.com.br.

³ Professor Doutor da Graduação em Letras e da Pós-Graduação do Curso de Mestrado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campo Grande, MS – e do Curso de Pós-Graduação em Letras – Campus Três Lagoas, MS. Orientador da Pesquisa de Iniciação Científica. Pesquisador do CNPq. Coordenador do NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados – UFMS. ecnolasco@uol.com.br.

produtivamente em forma de saber e em forma de práxis. O que ocorre é que se trata de um saber distinto do saber científico e do saber da informação, e de uma práxis distinta daquela da técnica e do trabalho.

BONDÍA. Notas sobre a experiência e o saber de experiência.
In: **Revista Brasileira de Educação**, p. 26.

A experiência como exercício de construção

Durante dois anos (1975-1976) Clarice Lispector provou da experiência da pintura. A escritora pintou um total de 18 quadros, ora em suporte de madeira, ora usando como suporte o tecido, que hoje se encontram “guardados” no arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa na cidade do Rio de Janeiro. Na mesma década correspondente a estes dois anos deu-se também, pela escritora, a produção dos seus livros mais discutidos na crítica contemporânea: *Água viva* (1973) e *A hora da estrela* (1977), outros menos; *A via crucis do corpo* (1974) e *Onde estivestes de noite* (1974). Mas, o mais curioso a observar, é que mesmo *Água viva* sendo uma das obras desta década de produção da escritora bastante estudada, ainda fora pouco, ou quase nada, explorada na relação triádica literatura x pintura x biografia.

Vários críticos que já se detiveram na obra literária *Água viva*, quer seja de forma mais detida, ou quer seja outros de forma breve, raros são os que sequer mencionam a relação triádica a que nos propomos fazer. Neste sentido, vale ressaltar os títulos dos trabalhos por nós publicados, ou já aceitos para publicação, que de algum modo perpassam e se detêm nesse triângulo produtivo, entre vida e obra da escritora, produzidos na década de 1970.

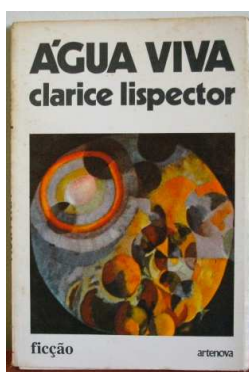


Ilustração 1 - Fotografia da capa da 1ª edição do livro *Água viva: ficções* - publicado em 1973.⁴

Vale antes salientar que toda essa produção bibliográfica deu-se primeiro por encontrar uma grande receptividade dos meios onde foram publicados alguns de nossos resultados alcançados, pelo ineditismo da pesquisa; segundo, pelo tempo despendido a ela, já que faz três anos que vimos debruçados sobre a temática, e, terceiro, e talvez o mais importante, pelo apoio sistêmico que a UFMS – Universidade Federal de Mato

⁴ Obra e fotografia do autor deste trabalho.

Grosso do Sul – e o CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – deram na concessão da bolsa PIBIC para a realização da pesquisa que, conseqüentemente, proporcionou-nos a aquisição de material bibliográfico, além de viagens para participação em importantes congressos, nacionais e internacionais no país afora divulgando nossos trabalhos.

Foram publicados em periódicos os artigos: O FIGURATIVO INOMINÁVEL: a ART PICTURES de Clarice Lispector na *Revista Travessias* (Cascavel), v. 4, p. 01-21, 2009, CLARICE LISPECTOR E FARNESE DE ANDRADE: uma ÁGUA VIVA biográfica na *Revista Interletras* (Dourados), v. 1, p. 01-11, 2008, OS RETRATOS DE C.L. E M.B. QUANDO COISA na Revista PARLATORIUM - Revista Eletrônica da FAMINAS-BH, v. 2, p. 01-15, 2008, ARTHUR BISPO DO ROSARIO E CLARICE LISPECTOR: a hora cultural das estrelas na *Revista Travessias* (Cascavel), v. 1º, p. 1-10, 2007, CLARICE LISPECTOR ESCRITORA/PINTORA: uma história artística em movimento na década de 70 na *Revista Ângulo* (Lorena), v. 1, p. 76-81, 2007, CLARICE LISPECTOR e suas a POLÍTICAS DA AMIZADE na *Revista Rabiscos de Primeira* (UFMS), v. 7, p. 77-82, 2007 e CLARICE LISPECTOR: o dito e o interdito da pintura à ficção na *Revista TXT - Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos*, v. II, p. 01-09, 2006.



Ilustração 2– Fotografia do Quadro *Tentativa de Ser Alegre*.

Já como capítulos de livros, publicamos: A PINTURA AUTOBIOGRÁFICA EM ÁGUA VIVA DE CLARICE LISPECTOR no livro O OBJETO DO DESEJO EM TEMPO DE PESQUISA: projetos críticos na Pós-Graduação organizado por Edgar César Nolasco publicado pela Editora Corifeu Ltda da cidade do Rio de Janeiro no ano de 2008 cujas páginas vão da 45 a 52. O artigo versa em sua temática a ideia de leitura da obra *Água viva* como uma autobiografia da pintora Clarice Lispector.

Foi publicado também o artigo de título E O ÍNDIO BRASILEIRO CONTINUA TOMANDO "COCA-COLA"? (2007) nos Anais da SEMANA DE HISTÓRIA de 2006 que tinha como temática A QUESTÃO INDÍGENA: PARA ALÉM DA HISTÓRIA DOS VENCIDOS. O volume foi organizado por Andrey Minin Martin; Luciana Aparecida de Souza Mendes; Maria Celma Borges; Mariana Quadros Gimenez e foi publicado pela Editora da UFMS no ano de 2007 nas páginas 49 a 56. Já neste artigo as relações são feitas entre o índio brasileiro e o conto *A menor mulher do mundo* da escritora publicado no livro *Laços de família* (1973).

Nossa primeira publicação em livro sobre a pesquisa, o artigo CLARICE LISPECTOR: o dito e o interdito da pintura a ficção no livro, ESPECTROS DE CLARICE: uma homenagem. Organizado por Edgar César Nolasco e editado pela Pedro & João Editores da cidade de São Carlos, SP, que foi organizado como uma homenagem a escritora. O artigo inicia-se na página de número 123 e se finda na página 141. Neste trabalho nós já anunciávamos a relação entre literatura e pintura no livro *Água viva*.



Ilustração 3 – Fotografia do Quadro *Luta Sangrenta* pela Paz.

Também publicamos alguns trabalhos em anais de congressos regionais, nacionais e internacionais de grande expressão dos quais participamos divulgando nossa pesquisa. Foram publicados os artigos: ENTRE A PINTURA E A LITERATURA: (des)limites entre vida e obra na escritura/pintura clariciana nos Anais do CONGRESSO INTERNACIONAL BRASIL-PARAGUAI-BOLÍVIA [de] Língua, Cultura e Interdisciplinaridade, realizado em 2009, na cidade de Corumbá, MS. Cujá publicação tem o mesmo nome CONGRESSO INTERNACIONAL BRASIL-PARAGUAI-BOLÍVIA [de] Língua, Cultura e Interdisciplinaridade. Publicado pela Editora da UFMS, da cidade de Campo Grande, MS no ano de 2008. Sua páginas são da 124 à 130.

Para finalizarmos esta explanação da nossa experiência com a pesquisa, ainda publicamos o artigo ESPECTROS DE CLARICE no importante *Anais* do ENCONTRO REGIONAL DA ABRALIC - Literaturas, Artes, Saberes, no ano de 2007, em Encontro realizado na cidade de São Paulo. A título de informação, a publicação tem como título: *Anais do XI Encontro Regional da Associação Brasileira de Literatura Comparada - Literatura, Artes, Saberes*, editado pela Editora da USP, também na cidade de São Paulo no mesmo ano. Vale lembrar ainda que se trata de uma publicação realizada nos *Anais* da maior associação de nossa área de pesquisa junto ao CNPq.

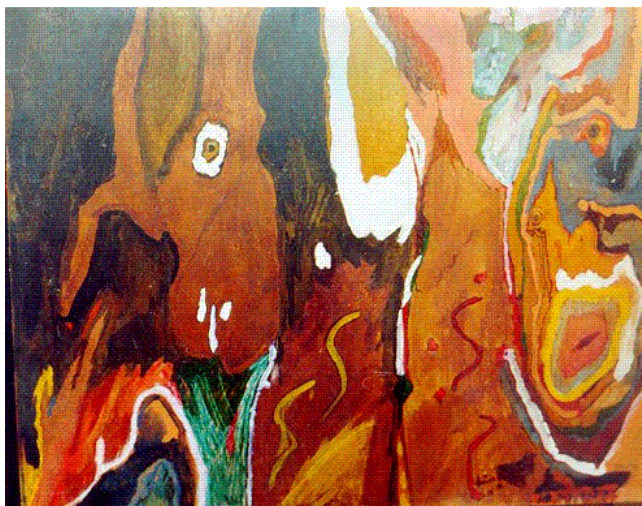


Ilustração 4 – Fotografia do Quadro *Gruta*.

Como pode ser percebido nos títulos dos trabalhos acima arrolados, detemo-nos sistematicamente no estudo das referidas obras, objetos deste trabalho, a fim de contribuir para o que vimos a propor. Pensar a experiência da pintura para a escritora Clarice Lispector.

A experiência da pintura em Clarice Lispector



Ilustração 5 – Fotografia Foto de Clarice Lispector em frente a um de seus 18 quadros - *Escuridão e Luz: Centro da vida*, datada de 19 de abril de 1975.⁵

⁵ Fotos publicadas no recente livro **Clarice fotobiografia** de Nádía Battella Gotlib.

Segundo o *Dicionário Houaiss*, a experiência se dá em três instâncias diferentes: aquela que se desenvolve pelo hábito da prática sistemática de determinada atividade ou ação, o *exercício* de se praticar algo frequentemente; algo que pode se dar espontaneamente, da observação às atividades praticadas por outrem; ou ainda pelo simples ato de experimentar ou tentar fazer algo que é novo para alguém. Diz o dicionário: “**Experiência** *s.f.* **1** saber adquirido com exercício, treino <*atleta de muita e.*> ↔ inexperiência **2** conhecimento adquirido de maneira espontânea; prática <*ganhou e. observando o pai*> ↔ inexperiência **3** tentativa; experimento”. (HOUAISS e VILLAR, 2008, p. 329)

Na esteira do que propõe o dicionário, podemos pensar a experiência da pintura para a “artista-amadora” Clarice Lispector em duas das suas três definições: uma como a experiência da observação já que a escritora fora retratada por vários artistas importantes e a outra como a experiência do *experimento*, a curiosidade de entrar sorrateiramente em uma atividade que não era a da literatura.

Nesses dois sentidos do dicionário, ainda é possível pensar a experiência da pintura para a escritora como um exercício de prática de uma atividade “livre” de rótulos, já que Clarice como escritora era tinha toda sua obra literária consagrada. Na pintura, a escritora pudera expressar-se com uma liberdade que na literatura já não podia mais nos idos da década de 1970. Sabe-se que nesse período Clarice Lispector já era há muito reconhecida como uma das maiores, senão a maior escritora brasileira com prestígio, inclusive, internacional. Isso talvez a obrigava produzir uma literatura cada vez mais inédita e melhor que as anteriores.

A experiência com a pintura de 18 quadros que fora antecipada no *monólogo Água viva*, em 1973, vem neste sentido complementar a leitura que se possa fazer das obras, quadros e livros, e ainda ajudar no entendimento de ambas as produções, lendo uma na outra em um sentido de mão dupla. Como se para entender os quadros da pintora Clarice as explicações estivessem no livro *Água viva*, e para ler o livro os quadros fossem as ilustrações que lá estão estampadas através da palavra, a exemplo do quadro “Tentativa de ser alegre”, pintado em 1975. (VASCONCELLOS, 1993). Ou seja, a busca de uma alegria na incansável *tentativa* da experiência da alegria, como um *experimento* de uma possibilidade que não vinha.

Já a experiência como observação *espontânea* para Clarice Lispector, com relação ao exercício dos artistas que a retrataram, podemos pensar que tal experiência viera a contribuir para o seu exercício de experiência da pintura. Pensamos neste sentido, ao observar as diferentes “técnicas”, suportes e materiais, que a Clarice pintora

usou na elaboração de suas próprias obras: como já dito, ora ela usara como suporte a madeira, ora o tecido. Além de tintas como matéria prima, usou também cola vinílica. E algumas de suas obras ainda apresentam manchas que parecem ter sido feitas involuntariamente; outros quadros trazem, mesmo que nem tão bem definidas, imagens que quase que podemos classificar de realistas, mesmo que baseadas na realidade da experiência da própria escritora. Essa diferença de suportes, a multiplicidade de materiais e as imagens indecifráveis, ou mesmo desagradáveis de se olhar (GOTLIB, 1995), dos quadros da pintora Clarice, é o que provoca, na crítica, uma dificuldade na classificação em um estilo definido sobre as pinturas da escritora. E também pensamos ser essa indefinição de estilo das obras o motivo para que nunca tenham sido devidamente estudadas.

Sobre a indefinição das pinturas claricianas, estudiosos (NOLASCO, 2004) já apontaram que existe inclusive no nome de um dos quadros da escritora, também pintado em 1975. Naquele quadro, dizem os estudiosos que há uma impossibilidade de decifrar a escrita/rubrica da “artista” na obra. Uns o nomeiam de “Raiva e [Reintificação]” (VASCONCELLOS, 1993), ou “Raiva e [reintificação]”⁶ (GOTLIB, 1995), já outros o titulam de “Raiva e restos de ficção” (VIANNA, 1998) e (NOLASCO, 2004). Sobre essa indefinição do título desse quadro, ainda é curioso ressaltar que no último livro sobre a escritora, publicado pela biógrafa (GOTLIB, 2008), que é uma *fotobiografia*, a autora traz o nome deste grafado como “Raiva & Rei[ndifi?]ção.

Nessa discussão *babélica*, o curioso é pensar que o mesmo se dá com relação ao título e subtítulo do livro *Água viva* que, no início da década de 1970, provável período de *labor* do livro, teve como títulos, “*Atrás do pensamento: monólogo com a vida*” e depois, “Objeto gritante” [...]” (MENDES, 1998. Nota Prévia à edição), ainda nos seus manuscritos. Hoje estão guardados na Fundação Casa de Rui Barbosa, que aliás é a única das obras da escritora que tem tão importante arquivo.

Já como datiloscritos, e ainda com o nome de *Objeto gritante*, José Américo Pessanha, em carta datada de 1972, ao fazer uma leitura crítica a pedido da amiga, sugere que ela desse um subtítulo à obra (In: RAMATE DE MALES, 1989), pois o amigo a considerou *biográfica demais*. Daí podermos inferir o porquê da troca definitiva de nome do livro, a fim de resolver o problema constatado pelo amigo de que

⁶ Sobre a indefinição do título deste quadro ainda é curioso ressaltar que no último livro sobre a escritora publicado pela biógrafa a autora trás o nome deste quadro grafado como “Raiva & Rei[ndifi?]ção. Ver GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice fotobiografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

a escritora estava se expondo demais no conteúdo e nos prováveis títulos do livro, no então publicado como *Água viva*: ficção.

No tocante à Clarice, ter ou não ter querido ser “bio” em *Água viva* pouco importa; o fato é que a crítica que ainda deteu-se em estudar o livro o considera bastante biográfico assim, como o é grande parte da obra literária da escritora. Tal relação entre vida e obra envolvendo todo o processo de criação da produção da escritora é evidenciada em alguns trabalhos que trataram dessa “bio” na escrita da escritora (NOLASCO, 2001 e 2004). Nesse sentido, então, podemos entender que toda a produção, literária e pictórica, da autora pauta-se pela experiência olhada por uma óptica filosófica.

“Luta sangrenta pela paz”, título de outro quadro pintado por Clarice em 1975, onde a composição é formada por manchas disformes nas cores azul “céu”, verde bandeira, branco e grande parte delas de vermelho “sangue”. Nele pode ser feita uma leitura a partir do que tenha sido para a escritora a experiência do período ditatorial brasileiro. Ou seja, considerando que o período tenha reprimido entre tantos outros, principalmente as questões voltadas para as produções culturais, Clarice Lispector luta, através da obra, por uma liberdade de expressão, uma liberdade por experimentar os acontecimentos a que a sua própria produção tenha se sujeitado no período.

Entendemos, ao pensar dessa forma, as pinturas e o livro *Água viva* de Lispector, a partir da ideia de que o *sujeito da experiência*, para a filosofia, não se define por sua atividade puramente desenvolvida, ou pelo trabalho desenvolvido em abundância como ofício, ou, ainda, pelo fato de se querer manter sempre o sujeito informado e menos ainda por aquele que acredita que deve opinar sobretudo o que o contorna (BONDÍA, 2002). O *sujeito da experiência* é antes de mais nada um sujeito da passividade, da receptividade, disponível e aberto aos fatos ao seu redor, sem a dicotomia entre sujeito ativo, que faz a ação, ou sujeito passivo, aquele que recebe a ação.

“A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente.” (BONDÍA, 2002, p. 25). O sujeito da experiência é aquele que se abre para o que lhe acontece de forma apaixonada, com paciência em experimentar os acontecimentos, dando total atenção a eles. Sem que se sinta obrigado a trabalhar, se informar, ou mesmo opinar sobre esses acontecimentos.

Nesse sentido, então, podemos nos valer dessa ideia de *sujeito da experiência* para pensar *Água viva* (1973) e os quadros de Clarice Lispector, porque no livro a escritora, ao parecer juntar fragmentos de outros escritos anteriores, não tem

comprometimento algum em explicar, opinar ou mesmo o de informar ao seu leitor sobre a que ela fora acometida à época. Já com relação aos seus quadros, a pintora Clarice, além de experimentar a pintura, expressa de forma subentendida e apaixonada os seus sentimentos sobre o período, porém, sem o menor comprometimento com o trabalhar, o informar e informar-se, e, menos ainda, com o opinar-se claramente. É a não-técnica das pinturas que a desobrigou de qualquer explicação clara. Afinal, a pintora Clarice tinha total consciência de que tudo o que ela sabia ou via não podia ser dito em palavras, apenas através da pintura (LISPECTOR, 1998).

Entre a escritura e o biográfico

Várias propostas para leitura do livro *Água viva* (1973), de Clarice Lispector, já foram feitas. Já disseram também se tratar de um livro enigmático, difícil, emblemático entre outros adjetivos. Entre tantas opções, a mais relevante e levada em consideração pelos estudiosos da obra da escritora é a de que se trata de uma espécie de monólogo da própria escritora. E é neste sentido que vimos propor aqui mais uma leitura. Ler *Água viva* como um diálogo dela Clarice, consigo mesma, só que desta vez posto frente a frente seu reflexo. Ou, ainda, um reflexo, como o reflexo de Narciso, da escritora frente ao espelho de águas, em *Água viva*.

“Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais” (LISPECTOR, 1998: p. 9). É do *instante-já* entre o reflexo e o refletido no espelho de que fala Clarice em *Água viva*? Ou, ainda, é a distância ou o intervalo de tempo que se opõe entre o refletido e seu reflexo que este se vê no espelho que talvez possa ser o *instante-já* de que fala Clarice Lispector querer vivê-lo?



Ilustração 6 – Fotografia do Quadro *Explosão*.

O instante do tempo entre o reflexo e o refletido é algo que acontece em *uma outra dimensão*, no mesmo instante em que ele é, enquanto um refletido *criatura* se depara com o outro, reflexo *coisa*, já não o é mais. Ou seja, o refletido, ou a criatura refletida, retirando-se de diante do espelho, o instante entre eles já não existe mais.

“Quero apossar-me do é da coisa” (LISPECTOR, 1998: p. 9) dissera Clarice diante desse espelho chamado *Água viva* Um *é da coisa* que poderíamos dizer que seria o próprio reflexo de Clarice diante do espelho; logo, pensar que Clarice queria entender-se a si própria. Assim, podemos ler a obra como uma “conversa”, ou desabafo da escritora consigo mesma diante do espelho, diante de seu próprio reflexo no espelho. Daí entendermos o primeiro provável título, “*Atrás do pensamento: monólogo com a vida*”, do então livro publicado em 1973 sob o título de *Água viva*.

Pensamos, então, que sua gênese se deu em um diálogo de Clarice Lispector diante de um espelho, porque “o próximo instante é feito por mim? ou se faz sozinho? Fazemo-lo juntos com a respiração” (LISPECTOR, 1998: p. 9), ela com ela mesma, o reflexo do espelho e ela se fazendo de coisa diante desse espelho.

Se para Lucia Helena *Água viva* “[...] é um tipo de *texto* que não comporta mais as designações convencionais [...]” (HELENA, 1997: p. 84), podemos dizer, mesmo que metaforicamente, que se trata agora de uma conversa cara-a-cara de criador e criatura, refletido e reflexo a sós. Um com o outro, que se concretiza “[...] gradativamente eu e tu vão-se aproximando, numa inter-relação [...]” (HELENA, 1997: p. 82). Uma relação interior, íntima, onde se busca entender a si próprio, assim como as conversas em que o ser sozinho diante de um espelho tem consigo mesmo, buscando explicação para coisas inexplicáveis para o que não se pode nominar, para o que Clarice, no livro, chama de o *inominável*.

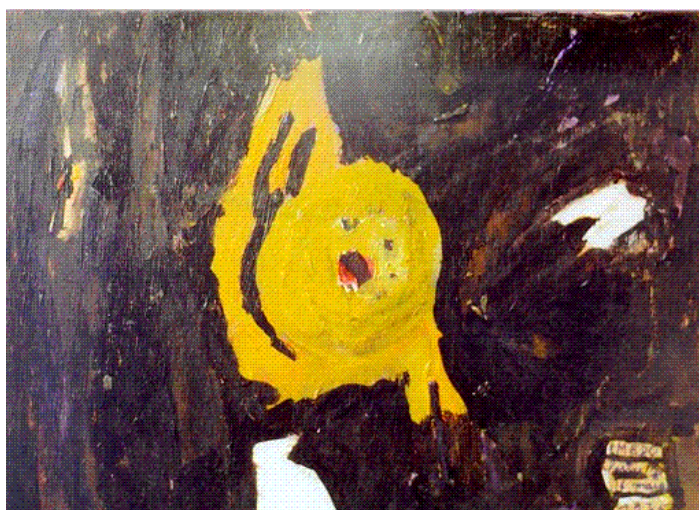


Ilustração 7 – Fotografia do Quadro *Medo*.

“A relação entre o eu e o tu, em *Água viva*, é de extrema complexidade e problematiza esta distância entre sujeito e objeto” (HELENA, 1997: p. 83) porque o objeto reflexo só existe diante da coisa, o refletido, este primeiro não existe sem o outro, o primeiro não toca no outro. É uma relação que só se concretiza se a coisa refletida, posta diante do objeto reflexo, do espelho que a emoldura como um auto-retrato, “[...] o eu deseja seduzir o tu pela palavra lançada como isca [...]” (HELENA, 1997: p. 83). E Clarice ainda não se vale apenas da palavra em *Água viva* para fisgar o seu leitor ou o seu reflexo/espectador; ela ainda lança mão da pintura, uma pintura que poderia se chamar de pintura/escultura, pois ela já não está mais no plano bidimensional, não é feita apenas de pinceladas chapadas no suporte. Algumas de suas pinturas trazem texturas tridimensionais, seja do suporte que ela empregou em algumas, a madeira, seja dos materiais utilizados pela *artista amadora* Clarice Lispector.

O monólogo então se fortalece nesta *isca* para prender o seu reflexo/leitor diante de seu relato, porque “[...] é também com o corpo todo que pinto os meus quadros e na tela fixo o incorpóreo, eu corpo a corpo comigo mesma [...]” (LISPECTOR, 1998: p. 10), é um *corpo a corpo* entre Clarice com seu reflexo, fixo no espelho diante dela mesma, que ela se debate com ela mesma e com suas próprias palavras ditas/rebatidas a ela pelo seu reflexo diante dela, que vai se fazendo e formando o discurso de *Água viva*, um discurso em monólogo para com ela mesma, “[...] a liberdade desse desejo [ato] não pode dispensar o desejo [ato] e a ação do outro [...]” (HELENA, 1997: p. 83); porque um só se faz com o outro “[...] e isto faz aflorar tanto a dimensão não-consciente do sujeito, quanto a dimensão não-passiva do objeto [...]” (HELENA, 1997: p. 83). É deste aflorar da leitura *não-consciente* feita pelo leitor que faz-se a obra, posto que este mesmo leitor pode se colocar em *Água viva* como parte da obra, tanto como coisa refletida na obra, um relato de sua própria vida, ou como objeto, o que seria o reflexo-ouvinte diante de alguém que fala, e aqui no caso de *Água viva* diante de ninguém menos que Clarice Lispector. O leitor então se tornaria o ouvinte de Clarice diante desta em frente a um espelho.

“Lê então o meu invento de pura vibração sem significado senão o de cada esfuziante sílaba, lê o que agora se segue [...]” (LISPECTOR, 1988: p. 11), diz Clarice ao seu reflexo/leitor em *Água viva*, um *invento* que ela transforma em obra, um *invento* em forma de diálogo entre *coisas se fazendo*. Entre obra, autor e leitor, “[...] *Água viva* requisita que o leitor se disponha a ver vacilar as bases de muitas de suas crenças [...]” (HELENA, 1997: p. 84).

Observou-se que “*Água viva* é uma continuação e um recomeço: continuação da experiência de esvaziamento [...] — esvaziamento do sujeito narrador, que se desagrega, e da narrativa, que conta a errância desse mesmo sujeito [...]” (NUNES, 1995: p. 156), um esvaziamento que faz Clarice para si mesma diante do seu reflexo no espelho e para seu leitor diante de seu livro. Contando em “[...] palavras feitas apenas de instantes-já [...]” (LISPECTOR, 1998: p. 11), no instante em que se coloca diante de sua própria imagem, de seu reflexo, passagens e errâncias de sua própria vida.

“Sei que são primárias as minhas frases, escrevo com amor demais por elas e esse amor supre as faltas, mas amor demais prejudica os trabalhos [...]” (LISPECTOR, 1998: p. 11), é na intenção de se desligar de sua imagem de grande escritora já aclamada e adorada, quando escreve *Água viva*, que Clarice se debate consigo própria, a imagem de grande letrada a incomodava profundamente. “[...] Sempre fui uma amadora, amadora compulsiva, é verdade, mas amadora. E tenho receio de uma profissionalização [...]” (LISPECTOR, 1984: p. 47) já dissera certa vez Clarice Lispector; e já foi dito também que “[...] Clarice dedicou-se à pintura como um mero passatempo [...]” (GOTLIB, 1995: p. 477), passatempo que podemos entender como amadorismo, claro que considerando que na pintura de forma amadora, o contrário do que praticara na escrita, porque esta já escrevia desde antes de 1943.

Mas o que mais nos interessa aqui é o que diz Régis, quando afirma que “[...] quem escolhe o amadorismo é porque responde a uma vocação [...]” (RÉGIS, 2007: p. 113). É uma vocação para a escrita e para a pintura que imperavam em Clarice Lispector, principalmente em *Água viva* que é um “[...] texto fronteiro inclassificável, que está no limite entre literatura e experiência vivida [...]” (NUNES, 1995: p. 157). Clarice conta uma experiência contada de forma improvisada como em uma conversa que acontece entre um *eu* e um *tu*, diante de um espelho, por isso, “[...] ao escrever não posso fabricar como na pintura, quando fabrico artesanalmente uma cor [...]” (LISPECTOR, 1998: p. 12).

“E se eu digo “eu” é porque não ousa dizer “tu” ou “nós” ou “uma pessoa” [...]” (LISPECTOR, 1998: p. 12), o objeto reflexo, a coisa, o refletido, e o leitor, o ser que agora se pôs a escutar a coisa agora se confundem na narrativa de *Água viva*, um se faz no/dentro do outro. Narrativa que se constitui em fragmentos soltos e esparsos de uma conversa da coisa e do objeto e que o leitor pode ou não entrar sorrateiro pela porta da frente ou dos fundos, e fazer parte de “[...] um texto que revela o lugar de onde o sujeito-Clarice fala [...]” (JORGE, 1997: p. 97). Um lugar da fala que “[...] passando a

exercitá-la no seio do mais banal cotidiano, cuja realidade harmoniosa defende e protege o sujeito de se deparar com o real [...]” (JORGE, 1997: p. 99).

Água viva e os quadros de Clarice: o texto tela e a tela texto

Conclui-se com este trabalho que em *Água viva* Clarice *é-se*, se deixa viver, escrever e pintar por *improvisações*, em notas soltas e esparsas, ela constrói todo o seu universo em/de *Água viva*, sendo ela própria, “[...] é com uma alegria tão profunda. É uma tal aleluia. Aleluia, grito eu, aleluia que se funde com o mais escuro uivo humano [...]” (LISPECTOR, 1998: p. 9), que ela consegue ser ela mesma. É diante desse espelho de águas vivas e espelhos de “[...] sucessão de escuridões [...]” (LISPECTOR, 1998: p. 72) que Clarice consegue dar o seu grito de liberdade e vida porque “[...] só uma pessoa muito delicada pode entrar no quarto onde há um espelho vazio, e com tal leveza, com tal ausência de si mesma, que a imagem não marca [...]” (LISPECTOR, 1998: p. 72). Marca esta que Clarice já carregava de grande escritora que era, uma marca que ainda não carregava como pintora, uma marca que não tendo na pintura a livrava do não poder ser-se ela mesma e de fato poder ser amadora.



Ilustração 8 – Fotografia do Quadro *Raiva & Rei[ndifi?]}ção*, 28 de abril de 1975.⁷

“Quero me reinaugurar. E para isso tenho que abdicar de toda a minha obra e começar humildemente, sem endeusamento, de um começo em que não haja resquícios de qualquer hábito [...]” (LISPECTOR, 1978: p. 69), hábitos como os da escrita, hábitos de fazer uma literatura melhor que a outra, uma literatura posterior que venda e agrade mais que a anterior. “[...] É na pintura que eu me realizo mais [...]” (LISPECTOR, 1998) vaticinou certa vez Clarice Lispector.

⁷ Fotos publicadas no recente livro **Clarice fotobiografia** de Nádya Battella Gotlib.



Ilustração 9 – Fotografia do Quadro *Sem título*, no livro da biógrafa - datado de 07 de maio de 1976.⁸

“[...] estou entrando sorrateiramente em contato com uma realidade nova para mim e que ainda não tem pensamentos correspondentes, [...]. É mais uma sensação atrás do pensamento [...]” (LISPECTOR, 1998: p. 62), uma realidade que era a da pintura, livre de qualquer obrigação estética como tinha na literatura. Não havia na pintura, para Clarice Lispector, levada ao *status* de *hobby*, a mesma preocupação que ela deveria ter na sua literatura, literatura de grandes vendas, várias traduções entre outras coisas. Clarice Lispector sugeria com a pintura que “[...] eu te deixo ser, deixa-me ser então [...]” (LISPECTOR, 1998: p. 24).

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação da matéria. Trad. Antonio de Pádua Danesi – São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Tópicos)
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, nº 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr, 2002. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf – acesso em: 3 de julho de 2009.
- GOTLIB, Nádía Battella. **Clarice**: uma vida que se conta. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- _____. **Clarice fotobiografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- HELENA, Lucia. **Nem musa, nem medusa**: itinerários da escrita em Clarice Lispector. Niterói – RJ: EUFF, 1997. (Coleção Ensaio; 6)
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de lexicografia e Banco de dados da língua portuguesa S/C Ltda. 3. ed. rev. e am. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

⁸ Fotos publicadas no recente livro **Clarice fotobiografia** de Nádía Batella Gotlib.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Sexo e discurso em Freud e Lacan**. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record, 1984.

_____. **Água viva**: ficção. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Um sopro de vida**: pulsações. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1974.

_____. **Laços de Família**: contos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973.

MENDES, Marlene Gomes. Nota prévia. In: LISPECTOR, Clarice. **Água viva**: ficção. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. s/p

NOLASCO, Edgar César. **Restos de ficção**: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. **Clarice Lispector**: nas entrelinhas da escritura. São Paulo: Annablume, 2001.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. 2ª ed.. São Paulo: Editora Ática, 1995.

PESSANHA, José Américo Motta. *Clarice Lispector*: o itinerário da paixão. In: **Remate de Males nº 9**. Revista do Departamento de Teoria Literária – Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: UNICAMP, 1989. p. 181-198.

RÉGIS, Sônia. Uma escritora amadora. In: SÁ, Olga de., ROEFERO, Élcio Luís. (Orgs.). In: **Ângulo**: Cadernos do Centro Cultural Teresa D'Ávila. – Vol. 1, n. 1 (1978) – Lorena – SP: CCTA, 1978. Revista Ângulo – Edição Especial Clarice Lispector. Nº. 111 outubro-dezembro 2007. p. 112 – 115.

VASCONCELLOS, Eliane (Org.). **Inventário do arquivo Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Centro de Memória e Difusão Cultural. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, 1993. (Série CLB, 5)

VIANNA, Lucia Helena. *Tinta e sangue*: o diário de Frida Kahlo e os ‘quadros’ de Clarice Lispector. In: **Revista de Estudos Femininos**, Jun 2003, vol. 11, no. 1, p. 71-87.

_____. “*O figurativo inominável*: os quadros de Clarice”. In: ZILBERMAN, Regina *et al.* **Clarice Lispector**: a narração do indizível. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1998.